

# Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 3

Angela Maria Gomes  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes  
(Organizadora)

# Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Karine de Lima

**Revisão:** Os autores

### **Conselho Editorial**

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 3 [recurso eletrônico] /  
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;  
v.3)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-071-1  
DOI 10.22533/at.ed.711192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.  
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

*Angela Maria Gomes*

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O EDUCAR PARA A VIDA: PONTOS DE DESENCONTROS ENTRE A EDUCAÇÃO E A VIDA EM DALCÍDIO	
Idalina Ferreira Caldas José Valdinei Albuquerque Miranda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
O ESPAÇO URBANO ENTRE MAZELAS, CONTRASTES SOCIAIS E VIOLÊNCIA EM FELIZ ANO NOVO E O OUTRO, DE RUBEM FONSECA	
Thalita de Sousa Lucena Silvana Maria Pantoja dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
O ETHOS DAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS E LYA LUFT SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO EM MAINGUENEAU	
Giovanna de Araújo Leite	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>26</b>
O GÊNERO MEMÓRIAS COMO OBJETO DE ENSINO NO AMBIENTE DIGITAL	
Karla Simões de Andrade Lima Bertotti Sandra Maria de Lima Alves José Herbertt Neves Florencio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>37</b>
O JORNAL ESCOLAR COMO LUGAR DE PRÁTICAS DISCURSIVAS E SOCIAIS: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O GÊNERO EDITORIAL	
Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho Elisabeth Cavalcanti Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>47</b>
O LETRAMENTO LITERÁRIO E A INTERDISCIPLINARIDADE NO USO DO GÊNERO POEMA	
Gildma Ferreira Galvão Duarte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925016</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>58</b>
O <i>PAGADOR DE PROMESSAS</i> E “O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA-BATA”: CONFIGURAÇÕES TRÁGICAS	
Erenil Oliveira Magalhães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925017</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>70</b>
O PAPEL TRANSFORMADOR DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE “A HISTÓRIA DO JOÃO-DE-BARRO”	
Laís Gumier Schimith Priscila Paschoalino Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925018</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>86</b>
O TEXTO LITERÁRIO NUMA PROPOSTA DE SALA DE AULA TECNOLÓGICA INVERTIDA	
Antonia Maria Medeiros da Cruz Maria Ladjane dos Santos Pereira Silvânia Maria da Silva Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>93</b>
OS GESTOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE GÊNEROS DE TEXTO	
Ribamar Ferreira de Oliveira Gustavo Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>108</b>
PARA ALÉM DOS LIMITES DA SALA DE AULA: NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DO USO DO WHATSAPP NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	
Jailine Mayara Sousa de Farias Barbara Cabral Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>119</b>
POR QUE SER UM CLÁSSICO? – NOTAS EM ABISMO SOBRE “SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO”, DE ITALO CALVINO	
Patricia Gonçalves Tenório	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>129</b>
POR UMA LINGUAGEM ÚNICA: A PICTOGRAFIA DE ANTONIN ARTAUD	
Jhony Adelio Skeika	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>146</b>
PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA SOB A PERSPECTIVA INTERTEXTUAL COM ALUNOS DA ESCOLA BÁSICA	
Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>156</b>
PRÁTICAS DE LEITURA NA AMAZÔNIA POR PERSONAGENS-LEITORES MARGINALIZADOS	
Regina Barbosa da Costa Marlí Tereza Furtado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250115</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>165</b>
REPERTÓRIO DE VAQUEIRO: TRANSCRIÇÃO E NARRAÇÃO	
Joanna de Azambuja Picoli Maria de Fátima Rocha Medina	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>176</b>
ROSAURA, A ENJEITADA (1883): EFÍGIE OU ESFINGE DE BERNARDO GUIMARÃES?	
Marcus Caetano Domingos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>191</b>
SUPRESSÃO DAS VOGAL /A/ INICIAL NO DIALETO MOCAJUBENSE	
Ana Cristina Braga Barros Many Taiane Silva Ferreira Maria Rosa Gonçalves Barreiros Murilo Lima de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>199</b>
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A VOZ DE SUCESSO NA REVISTA CARTA CAPITAL	
Thiago Barbosa Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>214</b>
VOZES MÚLTIPLAS NA CANÇÃO DE ITAMAR ASSUMPÇÃO	
Bruno César Ribeiro Barbosa Susana Souto Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>226</b>
“SUBA EM DIAGONAL, PARA A DIREITA, EM UM ÂNGULO OBTUSO, UNS 4CM”: DESCOMPARTIMENTANDO SABERES E HABILIDADES DE LEITURA EM MATEMÁTICA E EM LÍNGUA PORTUGUESA	
Adriano de Souza Sônia Maria da Silva Junqueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>238</b>
A ATUALIDADE DA CRÍTICA DE LIMA BARRETO AOS PODERES CONSTITUÍDOS NA REPÚBLICA VELHA	
Renato dos Santos Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250122</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>246</b>
A PROSÓDIA DOS VOCATIVOS NO PORTUGUÊS DO LIBOLO EM FALA SEMIESPONTÂNEA	
Vinícius Gonçalves dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250123</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>258</b>

## A ATUALIDADE DA CRÍTICA DE LIMA BARRETO AOS PODERES CONSTITUÍDOS NA REPÚBLICA VELHA

**Renato dos Santos Pinto**

UFF - Universidade Federal Fluminense –  
Instituto de Letras  
Niterói - RJ

**RESUMO:** Neste texto serão abordadas questões relacionadas a poder e autoritarismo na virada para o séc. XX no Brasil, durante a República Velha, nos romances *Recordações do escrívão Isaías Caminha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. A imprensa e o Estado podem ser vistos enquanto instrumentos de exercício do poder no discurso dos narradores, que, por vezes, toma emprestado o olhar do homem comum, pertencente às classes menos favorecidas. E, passados mais de cem anos, poderemos constatar que muitos aspectos dos relatos e denúncias contidos em sua obra permanecem atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lima Barreto; República Velha; Autoritarismo; Imprensa.

**ABSTRACT:** This text will approach issues related to power and authoritarianism at the turn of the 20th century in Brazil, during the old republic, in the novels *Recordações do escrívão Isaías Caminha* and *Triste fim de Policarpo Quaresma*, by Lima Barreto. The press and the state can be viewed as a power exercise

instrument in the narrator discourse that, sometimes, it borrows the look of the ordinary man belonging to the less favored strata. And after more than a hundred years we will can verify that many aspects of the reports and the denunciations contained in his literary work remain current.

**KEYWORDS:** Lima Barreto; Old Republic; Authoritarianism; Press.

*Não se é jamais desculpável ser-se mau, mas há algum mérito em saber que se é; o mais irreparável dos vícios é fazer o mal por estupidez* (Charles Baudelaire)

A narrativa de Lima Barreto esteve fora de seu tempo? Nascido em 1881, sua produção literária se dá a partir da virada para o séc. XX, durante o período conhecido como República Velha no Brasil. Sua narrativa, exposta de forma direta e ferina, em romances, contos, crônicas e crítica literária, aborda temas polêmicos para sua época, como: nossa subserviência às culturas europeia e norte americana; racismo; feminismo e direitos da mulher, com posições que se alternam entre progressistas e conservadoras; casamento e divórcio; o papel militante da literatura; a imprensa e sua relação com o governo e a sociedade; os bastidores dos poderes exercidos durante a República Velha.

Tudo isso, tendo como cenário as ruas e bairros da cidade do Rio de Janeiro, capital federal na época.

Entre os discursos assumidos para a implementação da República no Brasil do final do séc. XIX, aparecia o argumento de que o poder seria descentralizado e aumentaria a participação popular nas decisões de Estado. O conceito de Pátria a ser cultuada e idolatrada ganha novas dimensões. Para uma melhor compreensão quanto à abordagem da narrativa de Lima Barreto sobre o assunto, previamente serão realizadas algumas reflexões sobre as relações entre poder, Estado e regimes autoritários. Segundo Michel Foucault:

Quando se definem os efeitos do poder pela repressão, tem-se uma concepção puramente jurídica desse mesmo poder; identifica-se o poder a uma lei que diz não. O fundamental seria a força da proibição. Ora, creio ser essa uma noção negativa, estreita e esquelética do poder que curiosamente todo mundo aceitou. Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (Foucault, 2012, p. 44 e 45)

Portanto, é possível inferir que a força, a repressão e a suspensão de direitos seriam recursos extremos, utilizados quando outras possibilidades de domínio e manutenção do poder apresentem sinais de esgotamento, pois embora tenham sua eficácia em curto tempo, nos médio e longo prazos tendem ao desgaste. Como exemplo ficcionalizado de estratégia de domínio, tomemos uma passagem extraída de *Baudolino*, de Umberto Eco, em que, durante o século XII, um Sábio, de nome Oto, sugere a seu aprendiz, o protagonista Baudolino, que busque com habilidade convencer o Imperador Frederico a dominar determinada região sem uso de violência. Nas palavras do sábio:

Ouve. Sabes que procurei fazer com que o imperador entendesse as razões das cidades além dos alpes Pireneus. O imperador não pode fazer mais do que submetê-las a seu domínio e, todavia, há maneiras e maneiras de reconhecer a submissão, e quem sabe pode-se até encontrar um caminho que não seja o cerco e o massacre. Assim, pois, tu, a quem o imperador ouve, e que, apesar de tudo, és filho daquelas terras, procura fazer o melhor para conciliar as exigências de nosso imperador com as de tuas cidades, para que morra menos gente possível, e para que todos se deem por satisfeitos. (Eco, 2001, p. 54)

Nesse caso, a submissão ao domínio não está mais em questão, restando definir somente em que circunstâncias e a que preço ela se dará. Essa tensão entre imposição e aceitação de poder está presente ao longo da história da humanidade e sua tendência para um lado ou para outro acaba por definir entre regimes políticos autoritários ou participativos e as diversas nuances entre os extremos.

Já que mencionamos nuances ou matizes, sob o ponto de vista da atuação do Estado, uma outra perspectiva se coloca em relação àqueles que são submetidos aos regimes políticos vigentes. Tomando modelos e contextos históricos como exemplo, tanto em *A República* de Platão (2017) ou em *A Utopia* de Thomas Morus (1997), quanto nos tempos do império brasileiro, com segmentos da sociedade compostos por famílias cristãs, os sistemas políticos adotados são cruéis, sanguinários e totalitários para as pessoas tornadas escravas, sejam povos derrotados e subjugados, sejam negros trazidos do continente africano. E mesmo hoje, passados quase cento e trinta anos de sua abolição no Brasil, nos sucessivos processos de exploração, discriminação e exclusão, permanecem situações análogas à escravidão, inclusive em termos de violência, independentemente dos regimes considerados participativos ou autoritários que vêm atravessando a história.

Desde o início do Séc. XX, a cena social no Rio de Janeiro de Lima Barreto já apresentava um olhar do homem comum, oriundo das camadas menos favorecidas. Para a História, enquanto ciência humana, essa mudança de perspectiva ficou mais evidente na segunda metade do mesmo século, a partir de sua apreensão enquanto discurso, portanto, emitido de algum lugar, sob determinado ponto de vista. Mudança essa que permite sua fragmentação e uma multiplicidade de ângulos para interpretar um mesmo fato histórico. Assim, uma história rigorosamente datada, progressiva, marcada por feitos de grandes personagens, vai dando lugar a uma nova história, múltipla, do cotidiano, com diferentes versões daquela de cunho oficial, que também é narrativa, normalmente contada pelos detentores do poder.

Nos regimes de exceção, as autoridades tendem a ser menos tolerantes a esses discursos múltiplos e fragmentados que dão vez, inclusive, às visões marginalizadas da sociedade. Preferem, sempre que possível, a descrição de eventos vinculados a datas e heróis, reduzindo os conflitos históricos à dicotomia entre o bem e o mal, o que facilita o domínio sobre o discurso histórico. Retomando a tensão entre o autoritarismo e os regimes participativos, passemos para um outro exemplo, contextualizado em Portugal durante o Salazarismo. Na peça *A palavra é de ouro*, de Augusto Abelaira, mãe e filha dialogam sobre os tempos de silêncio e os tempos de mentiras, fazendo alusão à liberdade de expressão:

Guilhermina: Sabias que milhões de mulheres tinham filhos quando havia jornais, quando as palavras eram livres? Uma rainha, uma atriz de cinema... As outras? Os jornais não falavam das outras. Não sabias mais acerca do mundo do que sabes hoje... Os jornais mentiam. Esqueceste-te, não te lembras já de que os jornais mentiam?

Lúcia: Prefiro a mentira ao silêncio, minha mãe. Na mentira ainda posso descortinar a verdade, mas quanto ao silêncio, só o silêncio me responde. E os homens emudeceram. Não os vê, minha mãe. (Abelaira, 1973, p.59)

Assim, para a personagem Lúcia, a possibilidade de expressão, mesmo que deliberadamente falaciosa, será sempre melhor do que a imposição do silêncio. É

bom salientar que a relação entre imprensa e Estado é sempre complexa e coexiste num espaço entre a liberdade de expressão e a imposição do silêncio, passando por cooptação pelo próprio Estado ou pelas forças de oposição, dependendo das circunstâncias históricas vividas naquele momento.

Deste lado do Atlântico, no Brasil dos anos 1970, também emudecido sob um regime autoritário, aprendia-se a história à moda antiga nos frios bancos escolares. Datas, personalidades e eventos que visavam a consolidação da República, buscando a simplificação e a transformação do discurso em fatos ocorridos. Assim, conhecíamos os “heróis” da República Velha e seu esforço para consolidar um regime que culminaria em liberdades individuais e na participação de todos, encobrendo, feito cortina de fumaça, os meandros de disputa de poder, denunciados por Lima Barreto na época, cujos interesses eram caros somente às classes dominantes, ratificando seu poder de geração a geração.

Em 1989, ano das primeiras eleições diretas presidenciais no Brasil, após o Golpe Militar de 1964, em Artigo sobre Lima Barreto publicado na revista da USP, por conta do centenário da república, Beatriz Rezende (1989) comenta:

É curioso observarmos que os aspectos mais vulneráveis à crítica nos primeiros anos da República são os mesmos que ainda hoje aparecem como os mais mobilizadores da opinião pública: a corrupção, o abuso do poder, a má administração, a malversação do dinheiro público, tudo isso se transformando numa falta de confiança nos homens públicos e, mais do que isso, na própria política. (Rezende, 1989, p. 93) “A República no Brasil é o régimen da corrupção. Todas as opiniões devem, por esta ou aquela paga, ser estabelecidas pelos poderosos do dia” (Barreto apud Rezende, 1989). E ainda: (A política) “Eu a encaro, como o povo a vê, isto é, um ajuntamento de piratas mais ou menos diplomados, que exploram a desgraça e a miséria dos humildes” (Ibid).

Esses humildes aos quais Lima Barreto se refere formam um enorme contingente de excluídos, tratados com os requintes autoritários dos períodos mais nebulosos da história, mesmo durante a vigência de regimes que se propõem democráticos e participativos para uma outra parcela da população. Dessa forma, aquilo que nos alertava Lima Barreto no início do século permaneceu atual em 1989 e continua no prazo de validade. Até quando? É certo que, entre ondas progressistas e conservadoras, avançamos um pouco, porém, certamente, muito aquém do que Lima Barreto desejaria com sua literatura militante.

*Recordações do escritor Isaiás Caminha* foi o romance de estreia de Lima Barreto, publicado inicialmente em folhetim nos periódicos do final da primeira década do séc. XX. O autor tinha a intenção de trazer para o debate, além de um papel militante para a literatura, questões sociais como racismo e as relações entre imprensa e poder público durante a república velha. A imprensa é apresentada como ferramenta de exercício de poder, demonstrando nos seus bastidores os interesses que movem suas reportagens, muito distantes de uma busca pela verdade dos fatos e pelo bem coletivo. Ou seja, era feita para parecer imparcial, sem sê-lo. A resposta da grande imprensa

às provocações de Lima Barreto através do romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* foi o silêncio. E mesmo as poucas críticas feitas no período enfatizavam aspectos de vingança pessoal do autor, que mal disfarçava as instituições e pessoas que buscava atingir com suas personagens caricatas, o que foi visto como prática de uma literatura menor com a pecha de *Roman à Clef*.

Narrado em primeira pessoa, o escrivão Isaías Caminha conta suas memórias: mulato e pobre, vindo do interior para estudar na capital da República. Desvirtuou-se de seus objetivos iniciais e sucumbiu à lógica de interesses menores que então predominava, a partir de sua contratação como contínuo num grande jornal da época: O Globo, nome fictício do então poderoso Correio da Manhã. A cena carioca, contendo corrupção, escândalos e revoltas populares, é lembrada pelo escrivão. Na passagem seguinte, selecionada do romance, é possível observar a contraposição entre potencialidade e ignorância das massas, a partir de uma revolta popular:

A irritação do espírito popular que eu tinha observado na minha própria casa não me fez pensar nem temer. Julguei-a especial àqueles a quem tocavam e nunca que aquelas observações ingênuas se tivessem transformado em grito de guerra, em amuleto excitador para a multidão toda. Mais tarde, entretanto, verifiquei que a crença de que o Governo pretendia operar violentamente os homens e mulheres de pés grandes, como os Chinas, é que tinha impressionado fortemente os espíritos levando-os ao sangrento motim que estalou. (Barreto, 1994, p. 142)

Segundo Lilia Schwarcz (2017), o caso denominado pelo narrador como Revolta do Sapato seria ficcional, guardando alguma relação com a Revolta da Vacina, que agitou as ruas do Rio de Janeiro na época, principalmente em função de sua obrigatoriedade e carência de informações e esclarecimento sobre a sua importância. Ainda sobre o evento, cabe ressaltar o desinteresse do Estado pelas questões públicas e, também, o poderio de que gozava a imprensa que, além de influenciar diretamente as decisões dos agentes do Estado, se locupletava com cargos e regalias pagos, obviamente, com recursos públicos, como podemos observar nesse outro excerto:

O motim obrigara o Presidente a demitir a maioria dos Ministros, isto é, os Ministros atacados pelo O Globo; o prefeito e o chefe de polícia também saíram. A lei dos sapatos foi para as coleções legislativas e o empréstimo ficou prometido ao Rodrigues. O diário de Loberant ficou sendo quase a sétima Secretaria do Estado. As nomeações saíam de lá e as demissões também. Bastava um aceno seu para um chefe ser dispensado, e bastava qualquer dos seus empregados abrir a boca para obter os mais rendosos lugares. Leporace foi nomeado Diretor das antiguidades egípcias do Museu Nacional; e Rolim, o Rolim dos grandes pés, subdiretor da Repartição Cartográfica da República. Leiva fora modesto: pediu e obtivera o lugar de quarto escriturário do Tribunal de Contas, independente de concurso. Os empregos foram assim satisfazendo a natural voracidade dos auxiliares de Loberant. Todos eles viviam agora calmos, sorridentes, satisfeitos, convencidos de que tinham moralizado a República. (Barreto, 1994, p. 147)

No trecho narrado acima, o entrelaçamento entre imprensa e Estado é flagrante. À margem do poder, o povo demonstra sua força para reagir às injustiças cometidas

por tal aliança espúria, mas, ao mesmo tempo, transparece sua incapacidade de perceber nitidamente qual o foco do problema a ser combatido, diluindo sua energia em questões periféricas, secundárias e por vezes existentes somente em seu imaginário. Circunstância que justifica os motivos de se restringir, deliberadamente, o acesso ao ensino de qualidade a toda a população. Como percebemos, o problema para o qual parece simples uma solução, caso houvesse vontade política, é histórico e tende à perpetuidade. Darcy Ribeiro já dizia na década de 1970 em seu livro *Sobre o óbvio* que “a crise educacional do Brasil da qual tanto se fala, não é uma crise, é um programa”. (Ribeiro, 1986, p. 10)

Já no início de sua carreira literária, Lima Barreto desafiava a tudo e a todos, utilizando sua narrativa militante em busca de debate e aprofundamento das questões que considerava essenciais aos brasileiros. Nessa batalha não poupou seus colegas escritores, dos quais cobrava uma maior objetividade e propósitos para além do esteticismo em sua ficção, nem o meio jornalístico, do qual denunciava o descaso com a busca da verdade e o comprometimento somente com aqueles que, de alguma forma, pudessem trazer algum benefício pessoal ou corporativo. Sobre o assunto, Lilia Schwarcz (2017) comenta:

À sua maneira, o amanuense ia fazendo carreira ruidosa, com suas crônicas provocativas, contos igualmente críticos e romances bastante escandalosos. Isaías Caminha, de 1909, não fora sucesso de crítica, mas lhe conferira certa notoriedade de enfant terrible. A pecha lhe custara, contudo, muito caro. Por causa das denúncias à imprensa, definida por ele como “o quarto poder da República”, a obra mereceu, como vimos, certo silêncio dos colegas... E Triste fim parecia seguir a mesma trilha. (Schwarcz, 2017, p. 287)

Triste fim de Policarpo Quaresma, “divulgado pela primeira vez na edição vespertina do Jornal do Comércio entre 11 de agosto e 19 de outubro de 1911, viraria livro no final de 1915” (Id, p. 300). É o romance mais conhecido e lido de Lima Barreto. Inclusive, houve uma adaptação para cinema em 1998 com o título: *Policarpo Quaresma – Herói do Brasil*, dirigido por Paulo Thiago e estrelado por Paulo José.

Narrado em terceira pessoa, o romance pode ser dividido em três partes: I - o personagem Policarpo Quaresma é um servidor público tratado com respeito e distanciamento pela sociedade em função de seus hábitos nacionalistas a extremo e críticos em relação à cópia de modelos de costumes europeus em detrimento de uma riqueza cultural genuinamente brasileira; II - Com a saúde mental fragilizada em função da resposta da sociedade frente sua tentativa de trazer a língua e os costumes nativos para a seara oficial, refugia-se no campo, onde tenta, sem sucesso, explorar a agricultura em suas terras, constantemente atacadas pelas saúvas e pelas intrigas da política local; III - Posteriormente, ressurgiu na capital federal para apoiar o governo de Floriano Peixoto, por princípios patrióticos, em levante realizado pelas forças armadas oposicionistas – A Revolta da Armada. Percebe um descaso desse mesmo governo para os problemas relevantes, além de um excesso nos castigos imputados aos

desafetos e, ao denunciar a situação ao presidente, é encarcerado arbitrariamente, acusado de traição.

O aspecto principal trazido para este texto concentra-se na terceira parte e se refere ao desmascaramento da república velha dos tempos de Floriano Peixoto enquanto modelo representativo do povo e revela a face ditatorial do estadista e as arbitrariedades cometidas contra os adversários políticos, as classes menos favorecidas ou qualquer um que ameaçasse os poderes constituídos na república velha.

Não se pudera conter. Aquela leva de desgraçados a sair assim, a desoras, escolhidos a esmo, para uma carniçaria distante, falara fundo a todos os seus sentimentos; pusera diante dos seus olhos todos os seus princípios morais; desafiaram a sua coragem moral e a sua solidariedade humana; e ele escrevera a carta com veemência, com paixão, indignado. Nada omitiu do seu pensamento; falou claro, franca e nitidamente... Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levava toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade... A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia. A que existia de fato era a do tenente Antonino, a do Doutor Campos, a do homem do Itamarati. Contudo, quem sabe se outros que lhe seguissem as pegadas não seriam mais felizes? E logo respondeu a si mesmo: mas como? Se não se fizera comunicar, se nada dissera e não prendera o seu sonho, dando-lhe substância? E esse seguimento adiantaria alguma coisa? E essa continuidade traria enfim para a terra alguma felicidade? Há quantos anos vidas mais valiosas que a dele, se vinham oferecendo, sacrificando e as coisas ficaram na mesma, a terra na mesma miséria, na mesma opressão, na mesma tristeza... Não havia mais piedade, não havia mais simpatia, nem respeito pela vida humana; o que era necessário era dar exemplo de um massacre à turca, porém clandestino, para que jamais o poder constituído fosse atacado ou mesmo discutido. Era a filosofia social da época, com forças de religião, com os seus fanáticos, com os seus sacerdotes e pregadores, e ela agia com a maldade de uma crença forte, sobre a qual fizéssemos repousar a felicidade de muitos. (Barreto, 2003, p. 58)

Passados cem anos, as principais diferenças na conjuntura são reflexo muito mais das inovações tecnológicas do que de mudanças nas mentalidades por esse Brasil afora. Ao reler sua obra fica a nítida impressão de que a história tende a se repetir, com nuances e energias diferentes entre os agentes opressores e oprimidos, que fazem, ou não, a diferença.

Conforme duas destacadas biografias sobre Lima Barreto realizadas por Francisco de Assis Barbosa, em 1952, e por Lilia Schwarcz, agora em 2017, há muito da experiência pessoal do escritor Lima Barreto em sua narrativa. Entretanto, sua obra não esteve aprisionada em seu tempo. Ela caminha do particular para o universal, como desejava em sua militância literária. Criticou a cópia dos modelos europeus e norte-americanos antes dos modernistas e suas adaptações da realidade, subestimadas no período em que escrevia, foram consagradas posteriormente na Autoficção e suas variantes.

As ambiguidades encontradas nas opiniões de Lima Barreto em temas

relacionados ao feminismo e ao carnaval, por exemplo, reforçam sua honestidade intelectual e refletem um modo de pensar contemporâneo, em que a linearidade e determinismo históricos são colocados em questão e os conceitos permitem que as coisas sejam uma “e” outra, conforme a experiência, o momento, o enfoque, o estado de espírito de quem observa etc. Assim, conceitos como casamento e família podem ser bons se derivam em orientação e respeito ao próximo, mas podem também ser extremamente negativos se derivam em exclusão, discriminação ou nepotismo; religião pode pender para harmonia e paz interior, mas também para repressão e alienação, e por aí seguem a história e a literatura...

## REFERÊNCIAS

ABELAIRA, Augusto. **A palavra é de ouro**. Amadora: Livraria Bertrand, 1973.

BAUDELAIRE, Charles. **A moeda falsa**. In Pequenos poemas em prosa. 4ª ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto: 1881-1922**. 11ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Ática, 1994.

BARRETO, Lima. **Prosa Seleta**. Eliane Vasconcellos (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Curitiba: Coração Brasil, 2003.

BOTELHO, Denilson. **A pátria que quisera ter era um mito: História, literatura e política em Lima Barreto**. Curitiba: Prismas, 2017.

ECO, Umberto. **Baudolino**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Roberto Machado (org.), 25ª ed. São Paulo: Graal, 2012.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MENDONÇA, Jorge Eduardo Magalhães de. **A questão de tecnologia e comunicação no teatro de Augusto Abelaira**. Comunicação apresentada no Congresso 100 Futurismo realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, em Niterói-RJ, no dia 02 de junho de 2017.

MORUS, Tomás. **A Utopia**, São Paulo: L&PM Pocket, 1997.

PLATÃO. **A República**, Coleção grandes obras do pensamento universal, São Paulo: Lafonte, 2017.

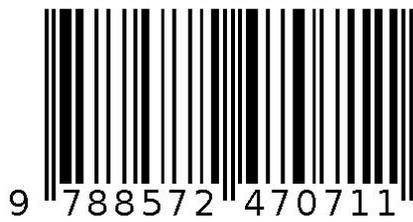
RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e a República**. In Dossiê 100 anos de República, disponível em <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/65409>>. acesso em: 15 jan. 2017 22:00:00

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SCHWARCZ, Lília M. **Lima Barreto: Triste visionário**. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-071-1



9 788572 470711